BOM DIA FURG 25.11.1991

Bom dia. Rio Grande, 25 de novembro de 1991, segunda-feira. No programa de hoje, uma entrevista sobre o Serviço de Assistência Judiciária da FURG.

Estão conosco, no estúdio do Bom Dia, a FURG, o advogado Paulo Antônio Soares, a professora do Departamento de Ciências Jurídicas da Universidade, Maria de Fátima Galtério, e a bolsista Zoraide Araújo. Eles vão nos falar sobre o SAGI. Inicialmente, vamos conversar com o Paulo Antônio Soares, que está acumulando duas funções nos dois maiores serviços de extensão da Universidade, que é o Hospital de Ensino e também o SAGI.

Bom dia, Paulo. Bom dia, Rosane. Bom dia aos amigos da Universidade, aos ouvintes da Rádio Universidade.

Realmente, nós, no segundo semestre deste ano, estamos com duas atividades. Presidente da FAERG, que nós estamos encerrando nosso período agora, no dia 15 de dezembro, e com o advogado do SAGI. Estamos interinamente na supervisão do SAGI, em vista do afastamento do professor Roberto, por motivos de saúde, e estamos aqui para conversar sobre o SAGI, sobre essa atividade de extensão tão importante dentro da nossa Universidade.

E como é que funciona, diariamente, o Serviço de Assistência Judiciária? Quais são os objetivos dele e como é que ele se concretiza? O Serviço de Assistência Judiciária é uma atividade de extensão desenvolvida pelo Departamento de Ciências Jurídicas, que visa a prestação de assistência judiciária aos necessitados. Aos necessitados, as pessoas que não têm condições para a contratação de um advogado, de acordo com o que está previsto na lei. O nosso trabalho, basicamente, hoje se desenvolve quase que exclusivamente na área de família.

Hoje nós ocupamos um enorme espaço nas atividades da vara de família do Fórum Local. Nós atendemos pessoas carentes de recursos, de acordo com o que está previsto na lei, e dentro de um limite salarial individual até dois salários mínimos, e do grupo familiar até três salários mínimos. Essa assistência é feita mediante o contato inicial com o estagiário, com o bolsista, o aluno do curso de Ciência Jurídica, do curso de Direito da Universidade, e posteriormente ajuizada pelos advogados contratados para este fim.

É um trabalho de extensão que nós verificamos que é um trabalho que funciona da forma mais coerente para o trabalho da Universidade. Nós trabalhamos de forma integrada aluno, professor e o técnico administrativo. Além disso, temos a participação neste trabalho da comunidade, de algumas entidades organizadas que normalmente nos procuram, e nós fizemos alguns trabalhos fora até mesmo do local onde nós desenvolvemos essa atividade, junto a essas entidades.

Quantas pessoas mais ou menos atuam no S.A.G., entre advogados, bolsistas, professores? Nós temos alguns períodos que, e hoje nós estamos entrando num deles, um período de recesso, onde os alunos se afastam do S.A.G. até porque começam as férias. Hoje nós temos

seis bolsistas, temos três advogados e estamos trabalhando com quatro professores, de forma permanente no S.A.G., cumprindo horários de acordo com a sua carga horária na Universidade. Esse trabalho, eu volto a repetir, é perfeitamente harmonizado entre técnico administrativo da Universidade, através de seus advogados, hoje nós temos três advogados, eu, o doutor Luiz Carlos Monteiro e o doutor José Ney Gomes dos Santos, os estagiários e os professores.

Durante as férias funciona o S.A.G.? Funciona, funciona de uma forma um pouquinho restrita, um pouquinho diminuída com relação, se nós compararmos com o período letivo, mas nós funcionamos todo ano. E existe um levantamento do número de pessoas ou famílias atendidas periodicamente? Existe uma estatística? Nós temos uma estatística e o S.A.G., esse trabalho que nós realizamos, ele é um reflexo do problema social que o nosso país, que a nossa região enfrenta. Então os problemas, principalmente de família, as desavenças familiares, os problemas com relação à manutenção dos filhos, elas são resultantes desse problema social que nós enfrentamos, do achatamento salarial, isso aí acontece que venha refletido na própria família.

Esse trabalho que nós fizemos, e esse ano nós tivemos inclusive a participação de uma estagiária de psicologia, que veio favorecer muito esse trabalho, que o nosso objetivo não é desintegrar a família, muito pelo contrário, nós fizemos também muitas atividades, muitas conciliações, nem seríamos competentes para isso, mas as pessoas muitas vezes chegam lá precisando apenas conversar, e conversar com alguém que não esteja, que não seja da família, que não seja envolvido no problema. Então o trabalho do advogado, muitas vezes, ele passa a ser o trabalho de psicólogo e o trabalho de assistente social. Quantas pessoas por dia são atendidas, Paulo? Atualmente nós estamos atendendo 10 fichas no período da manhã e 10 no período da tarde.

São 20 pessoas, normalmente isso aí dá em torno de 7, 8 processos novos por dia. Eu queria ouvir agora da Zoraide Araújo, ela é bolsista, portanto, aluna da universidade, e está atuando no S.A.G.E. já há bastante tempo. Como é que se sente o aluno participante desse serviço de extensão? Que tipo de trabalho você desenvolve e que tipo de trabalho você gostaria de desenvolver ou continuar desenvolvendo? De uma certa forma, eu me sinto uma parte dessa engrenagem e uma parte muito importante, porque basicamente começa comigo.

E ao mesmo tempo que a universidade está me dando as ferramentas e os instrumentos para eu derrubar os meus obstáculos, que é aquela falta da vivência profissional, da prática, que eu não tenho na sala de aula, eu também estou favorecendo com que as pessoas derrubem os obstáculos delas, elas estão resolvendo os problemas delas. Então é uma produção, é a universidade virada para a comunidade. A universidade ao mesmo tempo que a gente recebe das pessoas, porque são os impostos que mantém a universidade, nós também estamos devolvendo.

E ainda assim, eu estou devolvendo aquilo que eu estou recebendo da comunidade e estou produzindo, estou me sentindo importante, estou aprendendo. Porque cada caso que vem para a

gente é um caso especial, não tem nada parecido. Cada pessoa traz um problema diferente e aí a gente vai estudar e vai resolver aquele problema.

A gente adota aquela pessoa, né? Eu passo a vivenciar aquele problema e dou tudo de mim para resolver. As horárias de outros bolsistas são a primeira pessoa que aqueles que vêm procurar o SAGE encontram ali. Quer dizer, é a ela que eles vão colocar o problema, o que eles querem, que tipo de ações querem.

Como é que chegam essas pessoas no SAGE? As pessoas, elas vêm muito desinformadas. Então elas vêm com aquela ideia de que vão chegar no SAGE e vão resolver ali, agora, aquele problema. Aí eu vim me separar.

Então elas vêm e dizem assim, olha, o meu marido, eu vim te contar que meu marido me bateu e tu tens que fazer alguma coisa, vocês têm que fazer alguma coisa. E muitas vezes vêm com isso assim, com essa ideia, né? Então a gente tem que esclarecer, olha, nós vamos começar agora. Isso vai pro fórum, isso vai levar seis meses, vai levar um ano, sei lá.

Então esclarecer. E elas vêm, como o Paulo falou, muitas vezes elas não vêm nem precisando de um advogado. Elas vêm precisando de alguém que escute.

Então muitas vezes a pessoa vem e chora, aí tu conversa, esclarece. Ela vai embora e nunca mais volta. E às vezes volta, normalmente volta, mas acontece de não voltar.

Porque elas estão precisando de ouvir alguma coisa, de que alguém escute o problema dela, de sentir que ela não é a única com esse problema. Todo mundo tem problemas, né? E que tem alguém ali disposto a resolver, que pode resolver. Existe casos de pessoas terem usado o S.A.G.E. para determinada ação e posteriormente terem se sentido tão satisfeitas que voltam com outro tipo de ação, alguma coisa assim? Nós temos muitos casos, né? Aquele que vem com, de repente, uma reintegração de posse.

Alguém entrou na casa dele e quer que aquela pessoa saia. Aí daqui a pouco lá tem um problema de família e volta. E às vezes até tem aquela coisa de foi atendido por uma pessoa e ele volta e quer ser atendido por aquela mesma pessoa.

Começa a criar vínculo, né? Porque realmente é o que eles têm. As pessoas estão tão carentes. E o que eles têm? Eles não podem chegar lá fora e procurar pagar um advogado.

Tem até medo, às vezes. Porque tem que lidar sem um advogado. A justiça custa caro.

Então eles sabem que foram bem atendidos, resolveu o problema e voltam. Até mesmo porque é o que eles têm. Bom, e a nossa terceira entrevistada é a professora Maria de Fátima Galteiro.

Além de atuar no SAGE, ela é professora de Direito Penal II. Uma disciplina bastante importante, acredito, dentro do curso de Direito, né? Como é que está a situação hoje das pessoas que

procuram o SAGE e qualquer serviço de assistência judiciária, né? Em relação às leis, quer dizer, existe muito desconhecimento, né? Certamente existe muito desconhecimento das pessoas quando procuram o mesmo problema que a Zoraide explicou, que às vezes procuram, acreditando que a gente vai resolver na hora, muitas vezes não procuram para atividades que são do Ministério Público, esperando para fazer uma denúncia, né? Certas coisas, então eu encaminho muitas vezes para o órgão competente, que é o Ministério Público, né? Mas, na maioria das vezes, o SAGE, o maior número de processos é da vara cível, né? São ações de família, mas nós somos também procurados por algumas pessoas na área criminal, e nós damos o atendimento, eu procuro dar desde a fase pré-processual, que é o inquérito policial, para que a pessoa tenha, se sinta segura junto do advogado, porque no momento em que um cliente me procura, eu tenho que me esforçar por ele, eu tenho que procurar dar o máximo de mim por ele. Então, embora a presença do advogado não seja indispensável na fase pré-processual, essa pessoa muitas vezes tem receio de chegar a ter uma delegacia, de prestar um depoimento, então eu procuro, sempre que eu posso, acompanhar.

E aí a função do advogado só vai até o fim do processo. Um trabalho bastante importante que a professora Maria de Fátima Galtieri está realizando é visitas junto com alunos do curso de Direito ao Presídio Municipal. Qual foi a reação dos alunos? Quais são os objetivos dessas visitas? Bom, o meu objetivo, estou lecionando o Inquilino Penal 2, e a gente estuda a aplicação da pena, né? E a aplicação da pena é disciplinada muito pela lei 7.810, a lei de execuções penais, uma lei ótima, embora não quase aplicável no Brasil, por uma série de falhas, né? O Brasil não tem muitos recursos.

E eu só queria mostrar para os alunos, porque em aula a gente tem muito um abstrato, eu mostro a teoria que o aluno precisa ter. O aluno, qualquer aluno, principalmente do curso de Direito, ele precisa ter muita cultura, ele precisa conhecer muito as leis, até para ter uma visão crítica, se ele concorda ou não, ele precisa conhecer profundamente. Só que em aula a gente fica muito no abstrato.

Então eu procurei levar eles até o presídio, para que eles pudessem ver, na prática, como funciona ou como não funciona esse exercício de institutos da LEP, a Lei de Execução Penal, para que eles já tenham a ideia deles formada, e para que esses novos advogados, que vão sair juntos com os alunos, que serão advogados, para que eles venham com uma bagagem cultural e prática bem grande, porque é deles que vai sair novas ideias, é despertar a consciência crítica nele, né? E a realidade penitenciária, que precisa urgentemente de reformas. Como é que está a situação, digamos assim, judicial dos presos? Eles permanecem tendo a assistência judiciária que tiveram, que por obrigação, por determinação de lei, eles têm que ter? É, eu visitei, comecei a elecionar esse semestre, e visitei duas vezes o presídio, e pelo que eu pude observar, né, por informações que me foram dadas, a maioria dos detentos, eles são pessoas de uma categoria bem humilde, então eles têm, alguns têm a assistência jurídica, não é só durante o processo, né? Ela deve permanecer enquanto o preso sempre é pena, porque vários institutos da LEP,

eles são justamente para a fase de execução da pena, e há uma certa carência de advogados que se dediquem, existem, existem advogados, só que no caso seria um ou dois advogados por uma massa muito grande de detentos. Então a gente, nós colocamos o ságio, o nosso chefe de departamento colocou o ságio à disposição, até para aqueles detentos que tivessem já direito a um indulto judgmental, se fosse possível nos informar para que a gente possa dar o atendimento que necessitam, porque a assistência jurídica é garantia legal, e eles têm esse direito, né? E nós temos que respeitar.

Você fez um perguntado, né? A reação dos alunos, e eu fiquei muito satisfeita, porque eu acho que foi das melhores, em geral, os alunos ficaram muito contentes, porque já tiveram uma visão da realidade dentro da universidade, da realidade penitenciária, e estão muito contentes em realizar esse relatório, onde eles vão ter a oportunidade de comparar os institutos da NEP com a prática. Nós agradecemos, então, a participação e as informações prestadas aqui no programa pelo advogado Paulo Antônio Soares, pela professora e advogada Maria de Fátima Galtério, e pela bolsista Zoraida Araújo sobre o sistema de assistência judiciária. O Bom Dia FURG retornará amanhã.

Até lá.